

A existência da fome em um país rico em terras férteis, com muita água, com climas amenos; a existência de milhões de famintos em um país que é um grande exportador de grãos, frangos e carne, além de muitos outros produtos, é por si só algo escandaloso.

Escreve Dom Mauro Morelli: "Não considero a fome de milhões de seres humanos responsabilidade de Deus, mas um problema ético e um insulto à dignidade humana. Uma questão de matriz econômica e de solução política."¹

Mas para nós cristãos o escândalo é maior ainda. Se perguntarmos, a qualquer pessoa de nossa fé, qual é o principal sacramento de nossa religião, a pessoa certamente irá responder: o sacramento da Eucaristia, o sacramento do pão partilhado.

Por isso, para nós cristãos a fome é um escândalo muito maior. Como se pode explicar a fome em um país, em um continente, cristão? O cristianismo tem como sacramento central/essencial a partilha do pão, a Eucaristia, o sacramento central de "toda a vida cristã".²

Então, se a fome revela que algo está muito mal na sociedade em que vivemos, que é rica, produtora e exportadora de alimentos, em que cada dia fica mais claro que a fome é somente a ponta mais visível do grande iceberg da concentração de rendas, terras e riquezas; a existência de famintos revela também que algo está muito mal no cristianismo que temos instituído por aqui. Pois o nosso cristianismo demonstra uma enorme insensibilidade diante da injustíssima concentração dos bens e de suas nefastas conseqüências: a miséria e a fome. Por isso, com razão, se pode perguntar: que cristianismo é esse?

Hoje quase está esquecido o significado e a origem da Eucaristia, que nasceu ao redor da mesa compartilhada, com o pão partilhado. Quase já ninguém relaciona a eucaristia com a boa nova anunciada aos famintos, aos excluídos e marginalizados. Na verdade, esse sacramento pouco é relacionado com a prática de Jesus. É verdade que, ritualmente, a Eucaristia deriva dos rituais judaicos. Estes podem ter influenciado principalmente a ritualização da ceia

¹ Dom Mauro MORELLI, em Renato S. MALUF e Christiane COSTA, "Política Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional", revista POLIS, número 38, Instituto Polis, São Paulo, 2001, p. 5.

² ALDAZÁBAL, *A Eucaristia*, Editora Vozes, Petrópolis, 2002, p. 19.



na igreja cristã primitiva. Mas prática da ceia, o banquete com os excluídos, como forma concreta de anunciar para eles a chegada do reino de Deus, muito presente na prática de Jesus, é que deu origem à Eucaristia. Tanto que Jesus era conhecido como “aquele que come e bebe, amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11,19/ Lc 7,34). O que aconteceu? Por que tanta mudança?

Assim sendo, se a violenta e injusta situação de nosso país pode nos ajudar a avaliar as suas bases econômicas e políticas, no momento em que se fala de “refundar” a sociedade brasileira; o engajamento na luta pela erradicação da fome e da miséria, para nós enquanto comunidades cristãs, deve ser também um momento de fazer uma “releitura” de nosso cristianismo, nossas espiritualidades e os nossos jeitos de ser Igreja.

Pois precisamos aceitar que grande parte das práticas cristãs aqui instauradas têm sido indiferentes, quando não cúmplices, com relação aos mecanismos que promovem esta desigualdade e injustiça social. Devemos nos perguntar seriamente como é possível que um país, ou mesmo um continente, onde há tantas instituições e tantas pessoas frequentando os rituais eucarísticos e os sacramentos cristãos, possa ostentar indicadores sociais tão iníquos? Que cristianismo é esse que durante 500 anos quase sempre foi insensível ou apático numa realidade de fome e de miséria, causada por injustos processos de distribuição de renda e por acumulação fraudulenta do fruto do trabalho alheio e dos recursos públicos? Esta situação não é uma afronta aos olhos de Jesus Cristo? Não ficaria ele indignado com tudo isto? Tanta gente passando fome ao lado, em meio a tantas igrejas, cruzeiros, bíblias, tantos cultos, missas, eucaristias cristãs, não é revelador de uma grande incoerência em nosso cristianismo? Não revela cruamente a grande distância que existe entre a nossa prática religiosa e a vida cotidiana da nossa gente?

Por isso deveríamos aproveitar esta ocasião não só para rever a história e o nosso modelo de sociedade, mas também para reler o nosso cristianismo. Ou seja, a questão da fome é também um desafio às igrejas, que além de conter elementos éticos e de renovação para a missão e a vida eclesial, deve nos ajudar a resgatar os valores fundantes, valores que estiveram presentes na fundação do cristianismo, valores que deram origem ao cristianismo. Deve ser para nós mais uma oportunidade para a refundação do cristianismo, a refundação da Igreja em nosso continente. Estas grandes injustiças sociais, revelam que ainda persistem hoje muitas raízes do cristianismo que chegou aqui, fortemente nutrido pela oposição entre sagrado e profano, igreja e mundo, fé e vida, que com posições dúbias e com pouquíssimas exceções, quase sempre manteve-se ao lado dos que só vieram para conquistar, escravizar, saquear e explorar. Pois novamente na luta pela erradicação da fome e das injustiças que a produzem, temos a oportunidade de resgatar um cristianismo mais coerente com a proposta de Jesus, uma fé mais libertadora, e uma vida eclesial mais comprometida com a construção do reino, “em que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).



A presente edição da revista *Encontros Teológicos* trata do tema da fome, considerada um escândalo para os cristãos e as igrejas. Muitos são os ângulos, várias as facetas, pelos quais a análise da fome pode extrair diferentes linhas de reflexão e argumentação. Buscamos luzes na Bíblia para compreendermos a fome como uma realidade que contradiz o projeto de Deus para o ser humano (Celso Loraschi e Luiz Stadelmann). Ela interpela a consciência cristã, que se sente provocada no confronto com quem se apresenta e diz: “tenho fome” (Marcio Bolda da Silva). Como celebrar a Eucaristia numa realidade de fome? (Luiz Dietrich). É fundamental comprometer-se com o Evangelho da “vida em abundância”, educando para a competência e a sensibilidade solidária na erradicação da fome (Gilberto Tomazi). Na sociedade marcada pela violência e injustiça, a superação da fome apresenta-se como condição e caminho para a paz (Luiz Fachini). Isso exige o conhecimento da realidade em que nos encontramos, compreendendo o mapa da fome e as políticas de segurança alimentar e nutricional em nosso meio (Círio Vandresen). E nessa direção é importante também conhecermos algumas experiências concretas que visam a superação da fome (Celso Loraschi e Mércia mostram as iniciativas para isso na cidade de Lages – SC e Luiz Fachini em Joinville – SC).

Além desses artigos que tratam especificamente o escândalo da fome, nesta edição da revista *Encontros Teológicos* são apresentadas também algumas resenhas: *Introdução ao Biodireito* (Márcio Bolda da Silva); *Ser cristão, fé e prática*; *A oração pela paz, atribuída a São Francisco*; *A questão da Palestina* (Pe. Ney Brasil Pereira).

Que as reflexões aqui apresentadas nos estimulem ao compromisso concreto com a transformação da realidade de injustiça na qual nos encontramos. E que esse compromisso seja um testemunho convincente da fé que proclamamos. Afinal, o escândalo da fome é um escândalo da falta de coerência na vivência do Evangelho.

A Direção